

DE IEMANJÁ A N. SRA. DOS NAVEGANTES: O RACISMO “SANTIFICADO” NO TELEJORNALISMO DO RS

Gabriela Seixas Villar de Souza¹
Katiúscia Beatriz dos Santos Machado²

Resumo

Sendo composto majoritariamente por uma população branca, é inegável as práticas racistas no Rio Grande do Sul. Mesmo que aparentemente velado, as tentativas cada vez maiores por parte do poder público em extinguir com tudo o que se refere a cultura e identidade negra de Porto Alegre, vem deixando cada vez mais explícita a situação da população. Não obstante disto, a mídia vem desempenhando um papel crucial na perpetuação do racismo e negação das manifestações culturais do povo negro, a medida em que retira o protagonismo da população negra e a coloca em segundo plano, até mesmo quando se espera sua maior participação, como nas celebrações ao Orixá Iemanjá. O presente artigo portanto, tem por objetivo focar em como a população negra é retratada pelo Jornal do Almoço - exibido pela emissora RBS, afiliada a Rede Globo - e como essa retratação tem auxiliado na perpetuação do racismo e negação das manifestações culturais identitárias do povo negro. Para isso, analisamos a cobertura realizada nas celebrações a Iemanjá e a Nossa Senhora dos Navegantes pelo Jornal do Almoço, no dia 2 de fevereiro de 2018, focando em averiguar o enquadramento de pessoas negras, como elas são retratadas e principalmente o seu protagonismo no que diz respeito à temáticas afro religiosas.

Palavras-chaves: Negro, Iemanjá, Nossa Senhora, Racismo, Mídia

Introdução

A afirmativa de que o Rio Grande do Sul tem por sua maioria cidadãos brancos é assertiva quando olhamos para os lados nas ruas de Porto Alegre e demais cidades do estado. Os dados também confirmam dizendo-nos que, segundo o IBGE, em 2016, 76,8% da população se considerava branca e apenas cerca de 22% da população era composta por pessoas negras e pardas.

No cotidiano, o racismo velado da população, tão presente na vida de todos os brasileiros, é sentido fortemente por negras e negros gaúchos que veem as manobras políticas de governos racistas sucatearam e danificarem ainda mais os já precários direitos básicos da população, como educação, saúde, segurança e cultura. Cultura essa que vem sofrendo fortes abalos desde 2017 e que continuam se reproduzindo em 2018. Não por acaso, a população que mais vem sofrendo com estes cortes é a população negra, que tem visto, por exemplo, uma das maiores celebrações majoritariamente negra e periférica de Porto Alegre, os Desfiles das Escolas de Samba, ser cancelado por falta de incentivo e recursos financeiros. Mesmo assim, o que vemos as mídias tradicionais gaúchas verbalizarem em seus telejornais, além do falacioso pesar pelos sucateamentos, principalmente direcionados a população negra e pobre, é o endeusamento da tão falada diversidade e pluralidade do estado.

No Jornal do Almoço, que vai ao ar todos os dias, de segunda a sábado, pontualmente ao meio dia, em uma das maiores emissoras do estado a RBS TV - afiliada à Rede Globo - podemos perceber como a mídia tem somente utilizado a imagem de pessoas negras para tratar de forma secundária as questões sobre a identidade do povo negro. Como âncora do jornal, temos Cristina Ranzolin, uma mulher aparentemente negra, mas que em 2016 em entrevista sobre o seu bronzeado que “na tevê, salta muito ao olhos” segundo a

¹Graduanda do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, gabriela.seixas@ymail.com.

²Graduanda do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, katiuscia.bmachado@gmail.com.

entrevistadora Flávia Requião, respondeu que é *“italiana pelo lado do pai (Armando Ranzolin), mas, pelo lado da mãe (Yara), tem uma mistura, e a cor vem daí.”*, claramente negando suas raízes negras, mesmo sendo de um tom escuro sua pele. O jornal tem outro fator preponderante quando se refere ao lugar do negro na mídia hegemônica, jornalistas negros ficam com pautas sobre diversidade e periferia, prova disso são os jornalistas Manoel Soares, e posteriormente, Carol Anchieta, que desde 2017 o substitui na cobertura das temáticas no telejornal.

Sempre com o lema da representatividade na ponta da língua para apresentar os jornalistas que se autodeclaram negros, a mídia do Rio Grande do Sul, ainda não percebeu que para além da representação, a população negra demanda que se tenha representantes negros com autonomia para terem posicionamentos político identitário pertinentes e críticos, em relação a si e a mídia, pois só assim talvez tenhamos o novo enquadramento que a população negra espera, sem estereótipos e pré julgamentos baseados na cor de nossas peles. Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo focar em como a população negra é retratada pelo telejornal e como essa retratação tem auxiliado na perpetuação do racismo e negação das manifestações culturais identitárias do povo negro. Para isso, analisamos a cobertura realizada nas celebrações a Iemanjá e a Nossa Senhora dos Navegantes pelo Jornal do Almoço, no dia 2 de fevereiro de 2018, focando principalmente em averiguar o enquadramento de pessoas negras, como elas são retratadas e principalmente o seu protagonismo no que diz respeito à temáticas afro religiosas.

Hegemonia e invisibilização

A manutenção de poderes e privilégios da população branca brasileira tem sido cada vez mais discutida e colocada em pauta. Racializar também aqueles que se acham destituídos de raça, é um importante fator a ser colocado em pauta para a desconstrução e análise crítica do branco frente a outras identidades marginalizadas pelo mesmo. O modo como a identidade branca foi construída e tida como um padrão ao longo da história, fez com que se criasse um véu (branco) destituído de raça, ao ponto de pessoas brancas não conseguirem enxergar-se como tal, como bem dito por Giroux (1999), *“raramente ocorre aos brancos que são privilegiados por serem brancos.”* Este privilégio de negação racial, permitiu durante muito tempo, e continua em certa medida permitindo, que pessoas brancas delimitem identidades e retirem-se de determinadas discussões, com a desculpa de que *“os outros”* são os racistas ou o mais recente não quero tirar o lugar de fala *“dos outros”*, pois *“enquanto o branco é visto como indivíduo universal não racializado, o Outro é primordialmente um membro racializado e um coletivo.”* (FERES, 2015). bell hooks (1990 apud. GIROUX, 1999, pág. 104) embasa este argumento falando como a intelectualidade branca vem focalizando em sua análise de raça sempre *“os outros”*, mas fazendo muito pouco, pra não dizer nada, para *“investigar e justificar todos os aspectos da cultura branca sob o ponto de vista da ‘diferença’.*”, tão pautada se tratando de identidades que não as suas.

O modo como a branquidade tem se isentado de discussões e ao mesmo tempo trabalhado constantemente na manutenção de um tecer de redes de privilégio, somente começaram a ganhar destaque nas discussões sobre a sociedade brasileira, quando vozes negras começaram a ter poder de fala dentro de diversos setores da sociedade, pois como podemos notar ao longo da história, *“o olhar negro sobre o racismo torna a branquidade visível; já o olhar branco a invisibiliza.”* (FERES, 2015)

Mesmo que com uma certa resistência por parte da branquidade, vozes negras começaram a se levantar ainda mais no Brasil, por uma série de políticas públicas que possibilitaram o acesso, ainda que pouco se comparado, a poderes antes somente imagináveis e dificilmente alcançáveis a população.

"(...) a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao mainstream, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural."

(HALL, Stuart. *Identidades e Mediações Culturais*.p.338)

Este movimento culminou também, no que Hall chamou de *fascinação pós-modernista pelas diferenças*, que trata-se do dúbio reconhecer fetichista de outras vozes, que, com uma certa rejeição, mesmo que de forma polida, tende a se vender como muito mais evoluída, desconstruída, por simplesmente ouvir outras vozes, desde que estas mantenham-se nos seus devidos lugares de subserviência, de que só falem quando assim forem convocadas, e principalmente, que não tentem e não coloquem para a discussão e reivindicação, os privilégios aos quais pessoas brancas sempre tiveram.

“Como se comporta um povo que oprime?”, assim indaga Franz Fanon em sua fala sobre Racismo e Cultura em 1956 no Primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros, e continua:

“O panorama social é desestruturado, os valores ridicularizados, esmagados, esvaziados. (...)Esta cultura, outrora viva e aberta ao futuro, fecha-se, aprisionada no estatuto colonial, estrangulada pela canga da opressão. (...)É assim que se assiste à implantação de organismos arcaicos, inertes, que funcionam sob a vigilância do opressor e decalcados caricaturalmente sobre instituições outrora fecundas...”

Esta fala de Fanon, poderia, sem dúvida nenhuma, representar diversas camadas da população brasileira nos atuais dias, onde o conservadorismo impera. Porém, se hoje a maior parte da população se identificaria com esta fala, há muito pessoas negras vem sofrendo por estes mesmos motivos que hoje assolam e surpreendem a população branca brasileira.

Stuart Hall em seu livro, *Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais*, diz que “o que importa no jogo de significações de símbolos culturais é basicamente a luta de classe na cultura ou em torno dela” e se tratando do Rio Grande do Sul, os símbolos culturais gaúchos dizem muito sobre essa luta, pois segundo Jacks:

“Os dois movimentos de maior importância são o Tradicionalismo e o Nativismo, ambos criados no século XX e com posições antagônicas sobre alguns aspectos da identidade regional, que com o passar do tempo, entretanto, foram reduzindo-se, pois têm como objetivo comum a valorização da cultura regional do Rio Grande do Sul”.

(JACKS, Nilda. *Brasil, brasis: identidades, cultura e mídia*. 2008. Pág.207)

O estado é um, se não o que mais carrega “o Tradicionalismo, que é um culto às tradições, que também é popular, mas que nada ou quase nada permite mutações” (JACKS,2008), porém este também é o estado em que mais a população negra vivencia o racismo em suas diversas formas. Então, se esta cultura Tradicionalista praticamente é imutável, como pessoas negras, que tiveram seus antepassados escravizados, são representados e vistas por esta cultura? Como esta cultura vem sendo repassada de geração a geração? Onde está o negro na história deste estado?

Sendo o campo social em sua hegemonia branco, estas pessoas são as mesmas que ditam o significado de um símbolo cultural e tem portanto, segmentado por cor o culto as tradições, como é o caso dos “CTG’s³ fundados por negros para escaparem ao preconceito racial que lhes barra a entrada em CTG’s de brancos” (JACKS,2008), ou tem ressignificado símbolos culturais que são historicamente patrimônios da população negra.

³ Centro de Tradição Gaúcha

Tem branco no terreiro

Datada a partir do século XIX, a presença das religiões de matriz afro, no Rio Grande do Sul, se divide em três frentes: o Batuque, a Umbanda e a Linha Cruzada. Sem o intuito de explicitar o que cultua cada uma destas três distintas religiões, cabe-nos refletir sobre alguns indícios de como as mesmas vem historicamente sendo vivenciadas de formas distintas pela população negra e branca do estado.

As peculiaridades do Rio Grande do Sul, vão muito além do fanatismo Tradicionalista da população. Sendo o segundo estado mais branco do Brasil, o Rio Grande do Sul em 2010, segundo dados do IBGE, possuía 157.599 indivíduos, cerca de 1,47% da população, pertencentes a religiões de matriz afro. É quase óbvio dizer que há muito brancos nos terreiros gaúchos, mas o óbvio também deve ser dito e questionado, principalmente se há um esvaziamento da história e dos valores de um, em detrimento de outro. Vivenciando o espaço em terreiros multirraciais, é comum ouvirmos a máxima “orixá não tem cor” e de fato, não teríamos como dar uma cor para uma força/energia da natureza. Porém, será mesmo que não conseguiríamos discutir criticamente e pensar na exclusão e ressignificações gerada por esta afirmação?

O privilégio tanto material quanto simbólico (SCHUMAN, 2012), fez com que a presença de pessoas brancas como membros e líderes religiosos, tenham sido sempre consentidas pela população negra no Rio Grande do Sul, como bem esclarece Ari Oro (2012) sobre essa realidade:

“parece prevalecer no Rio Grande do Sul a representação negra segundo a qual é importante a presença simultânea de brancos e de negros nos terreiros por serem, os primeiros, detentores principalmente de capital econômico e os segundos principalmente de capital simbólico, religioso, dado pela tradição. Evidentemente que os atores sociais implicados no processo nem sempre possuem esta consciência dos fatos.”

Se por um lado, esta estratégia do povo de terreiro “permitiu” que ao longo dos anos a religião não tenha se extinguido, conseguindo assim se fortalecer com uma certa legitimação, por outro, ocorre a perda de parte dos valores civilizatórios de dentro dos terreiros multirraciais. Onde não só vemos membros com o pensamento colonial, tratando a vivência no terreiro como uma ida dominical, sem compromisso, à igreja, como também, para além da ritualística, o frequente esvaziamento dos sentidos e significados históricos da religião.

Não se pode confundir o caráter receptivo da mesma com escancaramento, é preciso racializar a discussão para que possamos valorizar aqueles que historicamente sofreram pra que hoje estejamos cultuando estas energias. Precisamos portanto lutar para que o espaço do terreiro, seja um espaço de preservação dos valores civilizatórios do povo negro***(comissão Estadual do Povo de Terreiro) e não somente mais um espaço para a perpetuação do racismo, onde “brancos implicados na religião detêm pouca consciência da origem africana desta e não realizam uma aproximação mais efetiva com a etnia negra” (ORO, 2012).

Enquadramentos midiáticos

“a polícia tomou ontem em uma casa 42 pretos livres e escravos e 11 pretos minas. A caçada deu-se às 10h30 da noite no momento em que o preto João celebrava uma sessão de feitiçaria. Foi uma surpresa e um desapontamento que aqueles fiéis crentes jamais perdoarão a polícia [...]. A polícia apreendeu cabeças de galo e outros manipansos. Os principais atores da indecente comédia foram recolhidos à cadeia e os escravos castigados.”

Publicada em 30 de novembro de 1879, no jornal Correio Paulistano, sob o título

“Os Feiticeiros do RS: Grande Caçada
(Schwarcz, 1989 pág. 126 apud ORO, 2012))

A mídia atualmente pode ser entendida como o conjunto de ferramentas que compõem a comunicação, sejam elas impressas ou não, dos jornais as redes e blogs da internet, é inegável a importância da mesma no que diz respeito à construção de identidades (ALAKIJA,2012). Com o advento de tantas tecnologias, a tendência pós-moderna de exotificação fetichista do outro, tende a ser mais popularizada com os meios de comunicação. Se por um lado isto garante uma maior pluralidade de vozes, por outro permite que os mesmos detentores de poderes, normalmente escolham um ou dois representantes destas diferenças. Podemos visualizar na mídia hegemônica que o objetivo é vender a diversidade, de representar pessoas que antes não se viam, de tentar aproximar novos públicos, mas, como no caso de pessoas negras, estas não detém poder para realmente pautar sobre as mídias, gerando então uma falsa representação, que vende um significado vazio, pois dá espaço, desde que tolido de pensamento crítico.

“(...) não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.”

(RIBEIRO, 2017. Pág. 64)

Pensar representação de públicos historicamente excluídos é bem mais do que colocar pessoas negras falando cinco minutos por dia no jornal. Para se pensar seriamente nos enquadros que a mídia dá atualmente a populações minorizadas, é necessário pensar no passado, como estes foram historicamente tratados, como isso influenciou e tem influenciado na mídia nos dias de hoje e o que podemos fazer para mudar esta situação. É preciso que se reflita diante disso, para que não só haja representação em frente às telas, mas por detrás dos bastidores, pensando criticamente na produção do conteúdo, abrindo espaços e possibilitando que outras narrativas sejam construídas em cima disso, estagnando assim a construção da hegemonia pela comunicação.

Estudo de caso: “santificando” o racismo

Fazendo um recorte para o estado do Rio Grande do Sul, conseguimos identificar a ruptura da laicidade dos poderes simbólicos e estatais frente as inúmeras manifestações de religiosidade. No Brasil, 50 municípios são considerados católicos, 28 deles estão no Rio Grande do Sul. Mesmo sendo visto como o estado com maior diversidade religiosa, com a capital que concentra a maior população judaica do país e o estado do Brasil com o maior número percentual de pessoas que se dizem adeptas de religiões afro-brasileiras, o Rio Grande do Sul não consegue - e por vezes nem quer - abarcar as outras religiões no seu calendário de procissões, romarias e festejos religiosos espalhados por suas cidades e povoados.

A festa a Nossa Senhora dos Navegantes, celebrada no Rio Grande do Sul, está entre as três maiores festas religiosas do Brasil e é a maior do estado. Comemorada desde 1871, a festa só não foi realizada em 4 situações, a data de 2 de fevereiro foi escolhida pois, para a Igreja Católica, este dia é considerado como o “Dia da Purificação de Nossa Senhora”.

Iemanjá uma orixá feminina das religiões afro brasileiras, seu nome *Yèyè omo ejá* da expressão em Iorubá significa *Mãe cujo os filhos são peixes*, é a divindade da fertilidade, da maternidade, a mãe que ampara a cabeça dos bebês ao nascer. Janaína - como também é conhecida - protege os pescadores e jangadeiros, cuida para que seus filhos voltem seguros para margem. Por ser considerada a mãe de quase todo panteão de orixás e ser a dona das

águas, a Rainha do Mar, foi associada a Nossa Senhora dos Navegantes no Rio Grande do Sul, assim como, a Nossa Senhora da Assunção no Ceará - cada estado no país tem sua data para as comemorações a Iemanjá, bem como, a identifica com uma santa da Igreja Católica.

As duas santas, que nas festividades se “transformam em uma”, são adoradas por seus fiéis. No dia 2 de fevereiro seus seguidores levam adornos, barcos, velas, fazem pedidos, agradecem dádivas recebidas, entoam cânticos, veneram por terra e mar, endeusam a mãe amada. Mas, engana-se quem pensa que estas datas se coincidem por casualidade ou aqueles que pensam que é por pura adoração a Nossa Senhora que os devotos de Iemanjá celebram no mesmo dia. Como sabemos, a história começa com os cultos as religiões afro desde a época da escravidão que nunca foram, e ainda não são, aceitos por grande parte da população brasileira. Os negros escravizados quando vieram para o Brasil não podiam cultuar sua religião, pois fugia a regra dos senhores católicos e da Igreja que detiam todo o poder. Para driblar este conflito entre as crenças, os negros inventaram uma maneira de sobreviver e ao mesmo tempo cultuar sua religião, tornaram-se afro cristãos que era apenas um pretexto para continuar adorando seus orixás invocando os santos católicos, uma maneira inteligente para não ser perseguido.

Grande parte da mídia no Brasil pertence a uma pequena parcela de famílias ricas que concentram toda a influência e a capacidade de manipulação das grandes emissoras de televisão, das rádios e dos jornais impressos. No Rio Grande do Sul não é diferente e a família Sirotsky, de origem judia, detém boa parte da concentração de audiência televisiva com a RBS TV. Um dos principais jornais do estado, exibido pela emissora, o Jornal do Almoço, transmitido para Porto Alegre e região metropolitana, trouxe ao meio dia de uma sexta-feira a celebração a Nossa Senhora dos Navegantes e a Iemanjá, duas santas distintas, de religiões quase opostas, mas que têm em comum a mesma escultura de cabelos pretos e lisos, com feições e cor branca. Na matéria sobram agradecimentos de milagres, as duas religiões se convergem em meio a tambores e terços, os dois mundos são mostrados de maneira “imparcialmente religiosa” pelo jornal, mesmo que a imagem de Iemanjá negra, não tenha sido mostrada.

O estado da civilização européia, educada, onde o respeito às religiões não sai do papel - assim como em grande parte do país - traz na matéria feita pelo JA mais um olhar branco e fora do contexto afro religioso. São nos pequenos detalhes, nem tão pequenos assim a olhos mais críticos, que vemos as diferenças no tratamento de imagens e, até mesmo, no tratamento das falas e perguntas a cada membro de ambas religiões que notamos as distinções da reportagem ao mostrar cada uma.

No começo do Jornal do Almoço, antes de ter a chamada e mostrar os acontecimentos do dia, entra a imagem de pessoas colocando no mar, à noite, um barquinho e ao fundo o som de atabaques que vai aumentando, até ficar em um volume bem mais alto do que o normal para o jornal, pessoas cantando são mostradas de forma meio nebulosa, em alguns momentos são focadas apenas partes das pessoas. Quando passa para parte da procissão temos um dia ensolarado com céu azul, tudo bastante claro, fogos de artifício e muitas cores envolvidas no cenário, além de cenas onde aparecem pessoas de forma mais nítida.

Após o começo do jornal, entra a repórter Nathalia King de Rio Grande - cidade do estado onde encontra-se a Praia do Cassino - num *link* ao vivo para falar sobre como está sendo o dia na cidade. Neste momento, podemos atentar quando ela fala sobre os “fiéis” que estão caminhando na ERS 734 para chegar até a estátua de Iemanjá na Praia do Cassino, ao que a repórter continua

“(...)e hoje tem mais. Hoje é dia dos Católicos homenagearem Nossa Senhora dos Navegantes, a procissão aqui está marcada para às três horas da tarde. A imagem da santa

vem de barco de São José do Norte em direção aqui em Rio Grande e é muito bonito! Mas, voltando a falar de Iemanjá (...)”.

Neste trecho enquanto ela relata o acontecimento do dia santo, percebemos nitidamente a separação e entendimento do jornal sobre o que é belo e o que é ou não religião. Pois, quando ela denomina um nome a um certo público, os chamando de católicos, e para outro ela refere-se de forma genérica chamando-os simplesmente de fiéis, sem identificar a sua religião, ela está de certa forma desqualificando estas pessoas como se estes não precisassem se sentir parte de algo, como se a religião de cada um não tivessem particularidades ou importância. Aliás, como se só uma religião tivesse importância. E é isso que está nas entrelinhas, que passa despercebido aos olhos menos atentos, na realidade, só quem enxerga e sente são pessoas negras a mensagem quase subliminar que fica sobre desrespeito, sobre esse sentimento de estar num espaço e não ser reconhecido, esse fazer parte da sociedade e não ter direitos apenas deveres.

Deveres estes, que são entendidos como se calar, se esconder, de fazer seus rituais a margem do restante da sociedade, de não poder ser quem se é. Só é permitido sair e mostrar quem cultua quando este for aos olhos brancos, com comparações, só quando sua religião for chamada a luz - neste caso luz da lua, pois na reportagem foi negada a luz solar para Iemanjá, mesmo sabendo que os agradecimentos ao orixá acontecem tanto de dia quanto a noite.

Mas ao decorrer do jornal, vemos uma sucessão de “erros”, pois no trecho em que fala sobre os que têm religião, a repórter diz “é muito bonito. Mas, voltando a falar de Iemanjá”, ou seja, mesmo que já “obriguem” os afro religiosos a cultuar uma santa branca - em todas as praias do Rio Grande do Sul as esculturas a Iemanjá são com feições e cor branca - ainda a chamam de feio o culto feito a ela. Esse “mas” indica oposição ao que foi dito anteriormente, esse “mas” mostra que “tudo bem estar falando de vocês fiéis sem religião, mas não peçam elogios também”, deixa nas entrelinhas entendido bem qual é a religião correta a ser seguida, qual religião pode ser considerada, a outra é apenas um amontoado de fiéis bagunçados em meio ao breu.

Um outro momento que sobressai na reportagem, é a resposta do entrevistado Everton Alfonsin, Presidente da Federação Afro-Umbandista do RS, que afirma:

“espanhóis, portugueses. Tudo se colonizaram aqui, no estado do Rio Grande do Sul e trouxeram a religião de matriz africana pra cá. Como berço.”

Na matéria fica nítido que a parte que o presidente aparece foi editada para que começasse naquele momento em que ele fala sobre outras culturas, trazendo uma religião historicamente africana para as mãos de colonizadores brancos.

A frase de Everton, homem branco, pessoa que fala de um lugar de poder, que tem em torno do seu “cargo” um simbolismo e crença inimagináveis, aparece logo após o *frame* em que a emissora mostra a santa de pele branca e cabelos lisos. A frase dita pelo Presidente da Federação Afro-Umbandista do RS transforma a luta de muitos negros em nada, e em oposição a isso legitima o homem branco como fundador de uma religião intrinsecamente negra. Por tanto não só esvazia como apaga o sentido histórico da religião, ressignificando e colocando mais uma vez o branco como protagonista de uma história que não é sua. A discriminação sentida por pessoas que cultuam as religiões de matriz africana, o sofrimento de crianças e adultos negros por cultuar seus orixás cai por terra no momento em que ele “afirma” que não foram os negros escravizados que trouxeram e consolidaram, a muito custo, a religião afro num dos estados mais racistas do Brasil, mas sim espanhóis e portugueses.

Notamos ao decorrer do programa jornalístico que das 23 pessoas chamadas para proferir um depoimento sobre como estão sendo as festividades, apenas 2 são pessoas negras. Dessas 23 pessoas, 15 pessoas estão falando sobre os festejos à Iemanjá, sendo 3 delas autoridades afro religiosas, todos brancos. Ou seja, para que a religião tenha legitimidade a

fala sobre ela precisa sair de uma boca branca, se não for dessa maneira não há credibilidade. As pessoas negras que aparecem sempre estão em segundo plano, como se fosse a forma do jornal mostrar onde é o lugar dessas pessoas. Mostrar que mesmo que o assunto seja a sua religião elas não podem ser protagonistas, apenas figurantes.

Conseguimos perceber de forma concreta que a matéria não está ali para fazer seu papel jornalístico e mostrar de forma isenta as festividades a santa. Mas sim, para mais uma vez se utilizar da potência midiática que possui para atingir de forma desleal e mascarada pessoas negras, filhos, mães e pais de santo. É uma maneira escancarada da mídia deslegitimar algo que pra ela nem deveria existir. É o jeito branco de deslocar o *Outro* do seu espaço, de separar, de apartar da sociedade o que ele não consegue mais manter no cabresto.

Conclusão

Mesmo que nosso país seja considerado, no âmbito religioso, como Estado Laico, notamos em nosso dia a dia, por meio da mídia hegemônica ou por outros meios de comunicação, que estamos longe de uma mudança concreta para um País neutro, que não interfira - de maneira a possibilitar somente a um pequeno grupo liberdade religiosa - nos cultos religiosos, visto que esse mesmo País apresenta-se como católico.

Esse catolicismo vai além das manifestações religiosas e seus feriados impostos no calendário anual (Dia de Reis, Páscoa, Dia de São João, etc.), a religião mostra-se presente desde a cruz na parede das assembleias e câmaras dos estados, como na presença da bíblia em alguns espaços partilhados pela sociedade e do “Deus seja louvado” nas notas de dinheiro. Ou seja, mesmo escrito na Constituição que o Brasil é um estado laico, que deve respeitar toda e qualquer religião, que deve ser imparcial em assuntos religiosos, não favorecendo ou discriminando, o que podemos perceber na prática é a maior presença do catolicismo pregado na parede observando todo e qualquer movimento dos seus fiéis ou dos pagãos que naquele espaço público transitam. Não é a toa que o Brasil é o maior país católico do mundo.

Porém, não é somente o poder do Estado e o religioso que ditam regras e constroem estereótipos para que algumas religiões sejam adoradas sem que haja julgamento, enquanto outras, são tratadas como bruxas e jogadas na fogueira. A comunicação é uma das maiores influências organizacionais e políticas da sociedade que está fora dos três poderes instituídos pelo Estado. Ela segue ao lado das autoridades de estado sem sequer ser considerada uma, mas detém tanto ou até mais controle sobre a sociedade. É através da comunicação, que o poder midiático, atinge as massas, de todas as camadas da sociedade. É a mídia que mostra o certo e o errado, ela mostra ao seu público o que ele quer ver mesmo que de maneira inconsciente. A mídia pode gerar anseios e desejos, assim como santificar ou demonizar algo ou alguém.

Os detentores desta mídia, a parcela branca e fortemente abastada da sociedade, guia seus receptores para que pré-julguem algo como bom ou ruim. Eles, os senhores da comunicação, emitem a notícia como querem, pendendo sempre para um lado ou outro, salvam-se poucas mídias que ainda são “imparciais”. No entanto, são eles, homens brancos, donos da razão, que não se entendem enquanto raça, que enxergam-se tão superiores a ponto de opinar e falar por outras pessoas. São essas pessoas, seres advindos de um plano superior, que querem continuar julgando, silenciando e escondendo o *Outro*. Na mídia, tal como, no cotidiano as pessoas brancas em geral se entendem enquanto seres donos de uma razão absoluta, donos de uma verdade que deve ser dita como única. E isso acontece desde os primórdios, tanto na concepção do racismo quanto nas diversas armadilhas para que os negros, raça identificada e estudada pelo branco, se perdesse enquanto povo identitário da civilização.

A branquitude trata os negros como se estes precisassem de um aval, de uma carta *branca* dizendo onde e em quais espaços podem estar. É uma forma revisitada, um modo 2.0, uma maneira século XXI do branco colocar amarras, aprisionar, demonizar e mais uma vez colocar sua religião acima das demais. Mas, como hoje o branco não “pode” - pelo menos perante a lei - fazer isso através de castigos diretamente físicos, ele encontrou outras maneiras. Nos espaços midiáticos, por exemplo, encontrou mais uma forma de atingir o povo negro, mais uma forma de mostrar quem tem o poder e como irá utilizar para detrimento de uma raça em função de outra.

E é através dos castigos mentais, seja por não reconhecer uma religião ou por não respeitá-la e transformá-la em uma maneira de entretenimento midiático, que atingem o corpo, a alma, o ser negro. Não dar identidade a um indivíduo e sua crença em uma sociedade “igualitária” é o mesmo que colocar um máscara que tapa sua boca e cordas que amarram o seu corpo sem o deixar falar, sem deixar se expressar, sem o deixar *ser*. A morte para pessoas negras, atualmente começa bem antes da morte física, ela começa pelo esvaziamento de nossa essência, de nossas lembranças, de nossas individualidades, do protagonismo de nossa própria fé. Não se matam corpos negros somente com tiros, matam também pelo fato de não deixarem eles existirem, simplesmente por serem negros.

Referências Bibliográficas

Jornal do Almoço. Portal G1- Rio Grande do Sul. Exibido no dia 2 de fevereiro de 2018. <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/confira-a-integra-do-jornal-do-almoco-desta-sexta-feira-2/6470739/>> Acesso em 27 de março de 2018

ALAKIJA, Ana. Mídia e Identidade Negra. In: Mídia e Racismo. Rio de Janeiro: DP et Alii Editora Ltda, 2012

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. Mídia e Racismo. Rio de Janeiro: DP et Alii Editora Ltda, 2012

CAMARGO, Tânia Garcia; CALLONI, Umberto. *O Sagrado e o Profano Presentes na Festa de Iemanjá: uma leitura possível de educabilidade ambiental*. Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. vo 28. Rio Grande, 2012. Disponível em <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3893/O%20sagrado%20e%20o%20profano%20presentes%20na%20festa%20de%20iemanja%C3%A1%20uma%20leitura%20poss%C3%ADvel%20de%20educabilidade%20ambiental..pdf?sequence=1>> Acesso dia 2 de abril de 2018.

COMITÊ ESTADUAL DO POVO DE TERREIRO DO RIO GRANDE DO SUL. Carta Documento. Porto alegre, 2011. Disponível em <<http://comiteestadualdopovodeterreiros.blogspot.com.br/p/carta-documento.html>> Acesso dia 13 de abril de 2018.

COUTO, Ketlyn. Branquitude e Mídiação: a construção identitária do negro a partir das representações midiáticas das religiões afro-rio-grandenses. Trabalho de Conclusão de Curso, 2017.

FANON, Frantz. Racismo e Cultura: a leitura psicanalítica e política de Franz Fanon. Portal online Geledés, 2014. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/racismo-e-cultura-leitura-psicanalitica-e-politica-de-frantz-fanon/>> Acesso dia 4 de abril de 2018.

FERES JUNIOR, João. A atualidade do Pensamento de Guerreiro Ramos. Caderno CRG, vo. 28 bo 73. Salvador, 2015. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v28n73/0103-4979-ccrh-28-73-0111.pdf>>

GIROUX, Henry A. Por uma Pedagogia Política da Branquidade. Cadernos de pesquisa, no 107, 1999. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a04.pdf>> Acesso dia 27 de março de 2018

HALL, Stuart. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Disponível em <http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Da_Diaspora_-_Stuart_Hall-book.pdf> Acesso dia 28 de março de 2018

JACKS, Nilda. Cultura Gaúcha e a Construção da Identidade Regional. In: Brasil, Brasis Identidade, Cultura e Mídia. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.

ORO, Ari pedro; ANJOS, José Carlos Gomes dos. Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre: sincretismo entre Maria e Iemanjá. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009.

ORO, Ari Pedro. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. Revista Estudos afro-asiáticos. vol.24 no.2 Rio de Janeiro 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2002000200006> Acesso dia 2 de abril de 2018.

_____.O atual campo afro-religioso gaúcho. Revista Civitas. vol. 12 no.3. Porto Alegre, 2012. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/13015/8684>> Acesso dia 2 de abril de 2018.

REQUIÃO, Flavia. Cristina Ranzolin garante: “Nunca fiz bronzamento artificial”. Diário Gaúcho, 2016. Disponível em <<http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2016/03/cristina-ranzolin-garante-nunca-fiz-bronzamento-artificial-5115040.html>> Acesso dia 29 de março de 2018.

RIBEIRO, Djamila. O Que É Lugar de Fala? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (doutorado), 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>> Acesso dia 3 de abril de 2018.